



1705 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)  
Eixo Temático 03 - Educação Popular e Movimentos Sociais

**PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO PARA JOVENS AGRICULTORES ORIUNDOS DE FAMÍLIAS ASSENTADAS**

Naiara Gracia Tibola - UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí  
Daiane Caetano Costa de Aquino - UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí

**Resumo:** Este texto trata-se de uma investigação que teve como objetivo central compreender como a escola se configura como um projeto do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que utiliza a pedagogia da alternância, teorizada inicialmente por Paulo Freire, para promover a educação dos jovens pertencentes ao MST. É um estudo resultado de uma pesquisa de cunho qualitativo e utilizou a observação com registro em diário de campo e entrevistas semi-estruturadas como instrumento para geração de informações a respeito do objeto investigado. A Educação do Campo dentro da proposta da Pedagogia da Alternância é vista como possibilidade na formação dos jovens agricultores oriundos de famílias de assentados. Os achados da pesquisa apontam que essa proposta pedagógica pode tornar-se uma estratégia eficaz para os jovens que desejam estudar concomitantemente com sua permanência e participação nas atividades relacionadas à vida familiar e ao campo.

**Palavras-chave:** Educação do Campo, Pedagogia da Alternância, Jovens.

**PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO PARA JOVENS AGRICULTORES ORIUNDOS DE FAMÍLIAS ASSENTADAS**

**Resumo:** Este texto trata-se de uma investigação que teve como objetivo central compreender como a escola se configura como um projeto do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que utiliza a pedagogia da alternância, teorizada inicialmente por Paulo Freire, para promover a educação dos jovens pertencentes ao MST. É um estudo resultado de uma pesquisa de cunho qualitativo e utilizou a observação com registro em diário de campo e entrevistas semi-estruturadas como instrumento para geração de informações a respeito do objeto investigado. A Educação do Campo dentro da proposta da Pedagogia da Alternância é vista como possibilidade na formação dos jovens agricultores oriundos de famílias de assentados. Os achados da pesquisa apontam que essa proposta pedagógica pode tornar-se uma estratégia eficaz para os jovens que desejam estudar concomitantemente com sua permanência e participação nas atividades relacionadas à vida familiar e ao campo.

**Palavras-chave:** Educação do Campo, Pedagogia da Alternância, Jovens.

### Introdução

A pesquisa que originou este artigo foi realizada em uma escola que pertence à rede estadual localizada na região do meio oeste catarinense e que está vinculada ao [Movimento dos Trabalhadores Sem Terra \(MST\)](#).

Da ocupação da terra à ocupação da escola, um fato que redirecionou as prioridades do MST, foi à implantação de uma proposta educacional própria, voltada a promover a educação de seus integrantes mediante os princípios estabelecidos pelo Movimento. O termo Ocupação da Escola quer dizer segundo Caldart (2012, p.218) “produzir a consciência da necessidade de aprender, ou de saber mais do que já sabe” na continuidade da construção da educação.

Nesta região o MST também incluiu a prática pedagógica da Educação do Campo na escola que serviu de cenário para esta investigação, em que além da educação básica oferta-se um curso de ensino médio técnico integrado em agroecologia que segue a proposta da pedagogia da alternância, ou seja, durante um período os educandos permanecem na escola, e outro no sítio da família com intuito de “praticarem” o que aprenderam. Além do ensino médio, há a o ensino fundamental I e II, que neste caso é ofertado pela rede municipal de ensino do município. O espaço da escola também é utilizado pelos assentados para realização de formação do movimento e reuniões acerca da assistência técnica com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

Com as inúmeras transformações ocorridas no mundo contemporâneo (evolução tecnológica e cultural), a vida na cidade pode se tornar muito atrativa para os jovens do campo, o que faz surgir à necessidade de se elaborar estratégias que contribuam com a permanência das juventudes no campo. A educação do campo atrelada à pedagogia da alternância torna-se uma dessas estratégias e configura-se como um fator influenciador na permanência desses jovens.

Nesta proposta a escola tem como foco a pedagogia da educação do campo, apresentada como escola de ensino integral médio técnico utilizando-se da pedagogia da alternância, que segue as bases da educação nacional, porém é uma escola da rede estadual. A escola busca estratégias para que os jovens permaneçam no meio rural, com a aspiração de que eles possam construir sentidos e significados provenientes de suas atividades e vivências no campo, estabelecendo vínculos com a terra e com as causas pelas quais o MST luta. Nesse processo de reconhecimento e produção de sentidos, o jovem do campo vai construindo a sua própria identidade, e esta então será vinculada

ao meio em que está inserido.

A juventude rural tem surgido como um ator político no interior dos movimentos sociais rurais, cujo efeito é a reconfiguração de suas identidades e novas relações com a terra. Atualmente, para além da imagem de jovem rural isolado, os jovens se afirmam como pessoas que lutam por terra e por seus direitos em diálogo com outros e com o mundo. (LOPES; CARVALHO, 2017, p.4)

Sendo assim, a escola representa muito mais do que apenas uma escola no campo, ela se configura como uma verdadeira escola DO campo, pois além de sua prática pedagógica, está localizada dentro dos assentamentos rurais de reforma agrária como forma de resistência da população local, conseguindo estabelecer relações com o poder público que por sinal não interfere nas suas concepções de educação do ensino médio ofertado.

Diante do exposto o objetivo central desta pesquisa é compreender como a escola que se configura como um projeto do MST, e utiliza a pedagogia da alternância no Ensino Médio Técnico em Agroecologia, pode se tornar uma estratégia para a permanência dos jovens no campo.

Este estudo de cunho qualitativo está organizado em três tópicos. O primeiro consiste numa breve definição do que é a Educação do Campo. O segundo reflete sobre a possibilidade de contribuição da pedagogia de alternância para permanência do jovem no Campo. Já o terceiro é composto por dois pontos importantes da pesquisa: o cenário e as informações empíricas geradas por meio do diário de campo e das entrevistas semi-estruturadas.

### **Educação do Campo: breve definição**

A Educação do Campo é objeto de estudo e debate em instituições como universidades, secretarias municipais, estaduais e federais e movimentos de organização popular tanto no meio urbano quanto rural, está presente nas agendas políticas sendo alvo de debates em instituições como universidades, secretarias municipais, estaduais e federais e movimentos de organização popular, tanto no meio urbano no rural. Destaca-se como luta para manter as escolas localizadas no campo em funcionamento, como alternativa para lidar com a condição de vulnerabilidade social que caracteriza a dinâmica social de muitas comunidades, para que tenham ampliada a visibilidade e espaço de interação, na e como política pública.

Definimos a Educação do Campo como proposta DO Campo e não uma Educação Para o Campo, isto por que segundo Freire (2013) a Educação DO Campo implica que os integrantes da realidade do campo aprendam com essa realidade em comunhão com o conjunto que constitui essa sociedade e, na Educação Para o Campo, o "para" indica que alguém ou alguma instância ou instituição superior e estabeleceu o que é melhor para ser aplicado naquela situação e contexto. Assim a Educação do Campo se caracteriza como dinâmica em construção de processo educativo voltado para a libertação, a autonomia e a emancipação humana e a Educação Para o Campo se caracteriza como proposta caracterizada como educação bancária que garante a dependência e a submissão.

O MST se destaca pela busca da educação no campo, ele ultrapassa o conceito de apenas um movimento social. Ele busca a formação de "novos seres humanos" como uma busca coletiva na formação de uma humanização, neste sentido, a elaboração teórica de princípios político-pedagógicos está articulada às práticas educativas desenvolvidas no interior das lutas sociais levadas a efeito pelos povos do campo (SAVIANI, 2008, p.172).

Algo importante a salientar é que o MST demonstra grande atenção quanto à capacitação dos seus educadores do campo, a produção de inúmeros cadernos de cunho instrucional e preparatório oferece suporte para o desenvolvimento das ações pedagógicas e direciona o fazer pedagógico dos educadores aos princípios educacionais do movimento. Chassot e Knijnik (2007, p.143) corroboram com essa afirmação ao discorrer que "O MST busca com suas muito cuidadosas produções – e aqui é preciso referir o aprimoramento da qualidade destas - disseminar em cada acompanhamento e em cada assentamento, subsídios para a construção de um melhor fazer-educação." Portanto,

Uma escola que se educa partindo da realidade; uma escola onde o professor e aluno são companheiros e trabalham juntos – aprendendo e ensinando; uma escola que se organiza criando oportunidades para que as crianças se desenvolvam em todos os sentidos; uma escola que incentiva e fortalece os valores do trabalho, da solidariedade, do companheirismo, da responsabilidade e do amor à causa do povo. Uma escola que tem como objetivo um novo homem e uma nova mulher, para uma nova sociedade e um novo mundo (MST, 1991, p.31).

Dessa forma, quando se fala em educação no campo desenvolvida pelo MST se faz referência a aspectos que remetem à intencionalidade do movimento ao levantar internamente questões relacionadas à educação. Nesses questionamentos e não em uma proposta efetivamente em operação, ele busca o entendimento para o movimento, de que tipo de pessoa ele quer e precisa formar, que objetivos tem a escola na formação de docentes e de militantes, que tipo de professor é necessário para essas escolas.

A educação DO Campo deve acontecer de forma efetiva, que reflete o relacionar os conteúdos com a realidade ali vivenciada. Dessa forma a educação do campo para o MST atende à necessidade de formar pessoas comprometidas e responsáveis com sua realidade. Por meio deste estudo de caso e visitas de campo constatou-se que a possibilidade de trabalhar a educação do campo por meio da pedagogia da alternância pode ser uma importante estratégia para permanência dos jovens no campo,

A proposta de Educação do Campo refere-se à pedagogia que contempla a identidade sociocultural dos sujeitos envolvidos no processo pedagógico. Os *princípios que norteiam* a proposta são "educação e formação; valorização; transformação da pessoa humana em todas as suas dimensões; educação para a transformação social; educação de valores; educação a serviço da construção de um novo projeto de desenvolvimento para o nosso país; educação, trabalho, produção, cultura e cooperação; educação como processo, como movimento de formação; educação do povo feita pelo povo: o movimento social como agente de sua própria educação" (SOUZA, 2006, p.78)

No entanto, a escola pesquisada, traz a pedagogia do campo com um enfoque na produção da agricultura familiar, pois por se tratar de um curso Técnico em Agroecologia, os educandos jovens devem aplicar seus conhecimentos no sítio da família. Neste sentido, a pedagogia da alternância, ou seja, eles passam um período na escola em tempo integral e outro período em casa. Esta atividade é supervisionada por

outros agricultores e professores para garantir a efetividade do processo.

### **Pedagogia da alternância e possibilidade de permanência dos jovens no campo**

A Pedagogia da alternância tem uma proposta pedagógica diferenciada adotada por escolas vinculadas ao MST e até mesmo as conhecidas casas familiares. Para Caldart (2008), a pedagogia da alternância é uma forma de não se desvincular das raízes com o campo, pois relaciona escola, família e educação em um processo de formação. Podemos pensar a pedagogia da alternância em dois momentos sendo: tempo/escola e tempo/comunidade.

O tempo/escola é o momento onde o aluno adquire o conhecimento teórico e prático das atividades que podem e devem desenvolver em sua comunidade. O tempo/comunidade é o momento onde os alunos vão aplicar seu conhecimento, identificar os problemas que precisam ser resolvidos, realizar as pesquisas e colocar em prática tudo que aprendem na escola.

O conhecimento se constrói na interação do aluno com o seu meio, através das experiências concretas, numa relação ação-reflexão sobre a realidade, visando à transformação da mesma; propõe-se uma educação em que os indivíduos se constroem como sujeitos de sua própria história, vivenciando seu papel social no momento presente; [...] faz-se necessário enfatizar os conteúdos dentro do contexto social e cultura do aluno, oportunizando a leitura da sua realidade, de sua situação histórica, de forma ampla, atingindo assim a pessoa na sua totalidade (MOVIMENTO, 1999, p. 41-42)

De acordo com Lopes e Carvalho (2017, p.3) "não existe, também, consenso acerca da faixa etária na qual pode ser compreendida a juventude, em especial a rural".

Para além de uma condição biológica homogênea caracterizada como uma etapa da vida situada entre a infância e a fase adulta, a juventude numa abordagem sociológica é entendida como uma categoria construída histórico-sócio culturalmente. E mesmo fazendo parte de uma categoria social comum, os jovens possuem suas particularidades ligadas ao contexto conforme a etnia, a religião, o gênero, a classe social e o meio (urbano ou rural) em que estão inseridos. É em virtude da heterogeneidade e multiplicidade que compõe essa categoria da sociedade, que os autores Abramo (2005), Dayrel (2007) e Pais (2009), sugerem que a maneira mais coerente de se referir ao termo *juventude* é no seu plural *juventudes*.

Sendo assim, o jovem do campo possui aspectos comuns com os jovens do meio urbano, porém as vivências experienciadas cotidianamente irão esculpir as identidades desses jovens de maneira diversa. Pode-se dizer, então, que ser jovem do campo se difere de ser jovem do meio urbano, uma vez que na perspectiva sociológica o indivíduo vai se constituindo a partir das relações que estabelece no contexto que está inserido.

O MST desde o ano de 2002 considera a juventude como uma categoria, mas para fins de organização interna delimitou como sendo jovens os integrantes do movimento que tenham entre 12 (doze) e 21 (vinte e um) anos de idade. Embora, essa delimitação, dentro do próprio MST devido à heterogeneidade da categoria, para alguns ser jovem é se perceber e se manifestar como jovem, podendo a juventude se ampliar e abarcar indivíduos entre 12 (doze) e 40 (quarenta) anos. (LOPES; CARVALHO, 2017).

Nesta perspectiva, o movimento busca desenvolver uma educação voltada a atender as especificidades dos educandos jovens do campo. Paulo Freire (1980) em seus livros trata da educação pensada na realidade do aluno, em suas vivências. Segundo o autor (p.62):

[...] transformação da percepção não se faz mediante um trabalho em nível puramente intelectualista, mas sim na práxis verdadeira, que demanda a ação constante sobre a realidade e a reflexão sobre esta ação. Que implica num *pensar* e num *atuar* corretamente.

Refletindo-se sobre a realidade do aluno jovem que é foco neste processo de formação, valoriza-se o trabalho realizado pela escola, pois tem maior proximidade com sua realidade e família, podendo vivenciar seu cotidiano. Como afirma Carneiro (2007, p.85):

Os jovens oscilam entre o projeto de construir vidas mais individualizadas, o que se expressa no desejo de "melhorarem o padrão de vida", de 'serem algo na vida', e o compromisso com a família, que se confunde também com o sentimento de pertencimento à localidade de origem, já que a família é o espaço privilegiado de sociabilidade nas chamadas 'sociedades tradicionais'.

O jovem passa a construir uma nova identidade a partir de suas decisões e desejos, Freire traz em suas obras a realidade como algo estático, pois o educando não está interagindo com sua formação, partindo de sua experiência até então adquirida em seu contexto, "[...] o educador aparece como seu indiscutível agente, como real sujeito, cuja tarefa indeclinável é encher os educandos de conteúdos de sua narração" (FREIRE, 2013, p.79). Aqui podemos relacionar a educação bancária trabalhada por Freire, em seu livro a Pedagogia do Oprimido. O aluno vira um mero receptor de conteúdos depositados diariamente pelo professor e ao final analisa o aluno para ver o quanto rendeu em relação ao que aprendeu. Os alunos se adaptam ao aprendizado.

A pedagogia da alternância vem com outra visão sobre este método utilizado nas escolas, de apenas depositar e ver quanto de "juro rendeu" aquele aluno. Ela busca colocar em prática o que se aprende em sala de aula. Para Freire a realidade é objetiva e subjetiva, sendo um fenômeno que se manifesta na consciência do educando, que o importante na educação não é o ensino dos conteúdos, pois o que deve ser valorizado é a problematização e o diálogo.

No livro "Extensão ou Comunicação" Paulo Freire (1980, p.13), escreve sobre o trabalho do agrônomo como extensionista (educador) de levar as informações e orientações ao agricultor que faz "[...] uma invasão cultural com atitudes contrárias ao diálogo que é à base da educação". Esta comparação se faz pelo fato de que a proposta de educação vivenciada é a do extensionista trabalhada por Freire é apenas de ofertar assistências técnicas e orientações, e não buscar conhecer o que realmente está se precisando neste contexto, "[...] Para isto, é necessário que, na situação educativa, educador e educando assumam o papel de sujeitos cognoscentes, mediatizados pelo objeto cognoscível que

buscam conhecer” (FREIRE, 1980, p.28).

Não basta o agrônomo passar as orientações sem antes conhecer o solo que será plantando, se é necessário adubar, analisar e arar, “pelo contrário, aquele que é “enchido” por outro de conteúdos cuja inteligência não percebe; de conteúdos que se contradizem [...] sem que seja desafiado não aprende” (FREIRE, 1980, p.28).

Isto nos remete a pedagogia da alternância em que não podemos apenas utilizar as técnicas propostas, sem antes conhecer nossos alunos, sua história e seu contexto. Foi a partir deste contexto, de se pensar uma educação diferenciada.

A educação implica o ato de conhecer entre os sujeitos conhecedores e a conscientização, e é ao mesmo tempo uma possibilidade lógica e um processo histórico ligando teoria com a ação, numa unidade indissolúvel.

### **Cenário da pesquisa e informações Empíricas**

A escola em que foi realizada esta pesquisa pertence à rede estadual de ensino localizada na região do meio oeste catarinense, porém está vinculada ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Situa-se em um local de assentamentos composto por aproximadamente 300 famílias. Essas famílias fazem parte de um processo de luta pela Reforma Agrária iniciado na década de 80 (oitenta), do século XX, no Estado de Santa Catarina.

Os participantes da pesquisa foram organizados em dois segmentos o primeiro[G1] se refere a alunos jovens que frequentavam a escola do campo e o segundo (G2) diz respeito ao diretor da escola.

Atualmente a pedagogia do campo proposta pelo MST em SC está presente em 50 (cinquenta) escolas, localizadas em área de assentamentos, seis projetos pelo PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária) de alfabetização e escolarização, dois cursos de ensino médio técnico em agroecologia, um em Fraiburgo e o outro em Abelardo Luz e mais cinco cursos de pós-graduação.

Desde o início de seu funcionamento construiu-se um currículo voltado à educação do campo, em que as crianças e jovens atendidos, além das disciplinas do núcleo comum (Currículo Básico Nacional), permaneciam em tempo integral desenvolvendo técnicas e conhecimentos agropecuários, relacionados às suas próprias vidas.

Constatou-se que o currículo então ofertado vem atendendo as aspirações de formação dos alunos que frequentam a escola do campo, fato que pode ser demonstrado na fala do jovem a seguir,

*Essas atividades que são feitas na escola e no local da moradia nossa, é importante, pois a teoria e a prática que acontece na escola são vividas lá na propriedade da nossa família (G1- A1).*

Percebe-se na próxima fala que o currículo voltado à educação do campo de fato tem valorizado as vivências dos alunos fazendo com que eles sintam-se importantes para a escola e contemplados no currículo segundo esta outra fala “[...] **Nós temos voz e vez na escola, isso é educação (G1- A2)**”.

Outra linha estratégica foi à definição por um modelo que priorize os fundamentos da agroecologia<sup>41</sup>. Estas iniciativas tiveram o suporte da Secretaria Estadual de Educação, do Setor Estadual de Educação do MST e da comunidade local representada por pais, moradores, educandos e educadores. Este envolvimento coletivo teve um papel fundamental no fortalecimento da proposta educacional na Escola e garantiu diversas conquistas, dentre elas a expansão dos níveis de ensino médio e profissional.

O fato positivo de a escola preocupar-se com a acolhida dos alunos do campo advindos dos assentamentos e se organizar para acomodá-los foi ressaltado pela diretora da escola:

*O curso acontece pelo sistema de pedagogia da alternância com 04 etapas por ano: 40 dias na escola em sistema de internato, e 30 dias em casa, isso em cada etapa. (G2- B1).*

O curso de ensino médio integrado atende estudantes de diversas áreas de assentamentos do estado, filhos de pequenos agricultores e jovens que não possuíam alternativas de escolarização em suas comunidades de origem.

Fica impressa na fala a seguir, que o MST além de oportunizar a escolarização de seus integrantes faz com que o jovem experimente o sentimento de pertença a um grupo “*Professora, ser do MST é fazer parte da história de um povo que luta por igualdade (G1-A1)*”.

Existe uma importante relação entre as redes públicas de educação e o MST para que além da prática pedagógica possam oferecer ensino público gratuito para os educandos. Sabe-se que estabelecer relações entre o poder público e os movimentos sociais não tem sido tarefa fácil, mas estas acontecem mesmo em meio às dificuldades e podem apresentar bons resultados.

A pesquisa demonstrou que todos os alunos formados na Escola que são oriundos dos assentamentos da região do meio oeste catarinense onde está localizada a escola, voltaram para trabalhar nos lotes dos pais, embora às vezes almejassem morar na cidade. Neste sentido, como o MST é presente na escola, eles conseguem acompanhar estes jovens e suas famílias. No entanto, há certa dificuldade em coletar dados referentes aos jovens que são de outros assentamentos ou filhos de pequenos proprietários rurais, pois muitas vezes perde-se o contato com os educandos e com as famílias.

A educação promovida pelo MST faz despertar nos jovens o interesse em prosseguir nos estudos para além da conclusão da Educação Básica e estes aspiram se capacitar profissionalmente para contribuir com a realidade nos assentamentos que estão inseridos. Tal conotação é possível de ser observada na seguinte fala:

*A escola traz oportunidades pra nossa vida, crescemos no pessoal e também profissional. Quero continuar meus estudos na faculdade e melhorar a nossa realidade de agricultor e assentados. (G1- A1).*

Percebe-se que esta escola representa um importante equipamento no que diz respeito à política de educação DO campo, tanto nacional, como regional.

### **Considerações finalizadoras**

Diante desta discussão apontamos a prática da pedagogia da alternância como meio fundamental para integração dos conhecimentos teóricos e técnicos com os conhecimentos práticos, no sentido em que a aplicabilidade está voltada para o meio rural e a produção familiar agroecológica.

Além disso, a pedagogia da alternância aproxima a família da escola a partir do momento que o jovem está presente no sítio e se envolve no trabalho agrícola juntamente com os demais trabalhadores. Obviamente esta configuração pedagógica por si não garante que o educando permanecerá no campo, porém um conjunto de elementos que formam o currículo como: a presença do MST, a pedagogia da educação do campo, o diálogo com o poder público e principalmente a pedagogia da alternância, compõem esta estratégia.

Por isso, podemos afirmar que de fato escola que se configura como um projeto do movimento dos trabalhadores rurais sem terra (MST), e utiliza a pedagogia da alternância pode se tornar uma estratégia para a permanência dos jovens no campo.

Além disso, a pedagogia da alternância aproxima a família da escola a partir do momento que o jovem está presente no sítio e este se envolve no trabalho agrícola juntamente com os demais trabalhadores. Obviamente esta configuração pedagógica por si não garante que o educando permanecerá no campo, porém um conjunto de elementos que formam o currículo como: a presença do MST, a pedagogia da educação do campo, o diálogo com o poder público e principalmente a pedagogia da alternância, compõem esta estratégia.

Por isso, podemos afirmar que de fato escola que se configura como um projeto do movimento dos trabalhadores rurais sem terra (MST) e utiliza a pedagogia da alternância pode se tornar uma estratégia para a permanência dos jovens no campo.

### **Referências**

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Org.). **Retratos da juventude brasileira**. Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/ Instituto da Cidadania, 2005. p. 149-174.

CALDART, Roseli S. Por uma educação do campo: Traços de uma identidade em construção. In: **Por uma educação do campo**. São Paulo: ANCA, 2002.

CALDART, Roseli S. et. Al. **Dicionário de Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012.

CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CHASSOT, Attico; KNIJNIK, Gelsa. Educação no Movimento Sem Terra: reflexões sobre seus princípios pedagógicos. In: Inês Barbosa de Oliveira (Org). **Alternativas emancipatórias em currículo**. São Paulo: Cortez, 2007.p. 123-146.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 28, p. 1105-1128, 2007.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rossisca Darcy de Oliveira. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 55 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

LOPES, Leandro Gomes Reis. CARVALHO, Denis Barros de. Juventude assentada e a identidade vinculada com a terra. In: **Psicologia & Sociedade**. Belo Horizonte, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. 29, e159034, p. 1-10. 2017.

MINAYO, M.C.S.(Org) **Pesquisa Social: Teoria Método e Criatividade** 19ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MST, **Como Fazemos a Escola de Educação Fundamental**. Caderno de Educação n.9. 1ª Ed. São Paulo: 1999.

PAIS, José Machado. A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde Sociedade**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 371-381, 2009.

[1] O MST se constituiu formalmente como um movimento nacional em janeiro de 1984, em um congresso no estado do Paraná, reunindo representações da maioria dos estados brasileiros, como culminância de lutas intensas pela terra que ocorriam desde 1979. (CHASSOT; KNIJNIK, 2007, p. 123)

[2] Ocupar no sentido de se pertencer a educação. De fazer uma educação pensada em sua realidade.

[3] A letra **G** foi escolhida pra representar o grupo que ao qual pertence o participante da pesquisa, a letra **A** para se referir a aluno e a letra **B** para se referir ao diretor da escola.

[4] Agroecologia: conjunto de ações que visam sistematizar a abordagem da agricultura em diversos aspectos, criando modelos justos, economicamente viáveis e sustentáveis ecologicamente.